

PRÁTICA PEDAGÓGICA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA EM CONTEXTO AMAZÔNICO

Márcia Gama da Silva¹
Fernanda Pinto de Aragão Quintino²
Gracimeire de Castro Torres³

RESUMO

Este artigo é parte de um projeto de pesquisa de mestrado em Educação, o qual teve como objetivo analisar a prática pedagógica dos/as professores/as no cotidiano da sala de aula, em contexto amazônico, a fim de verificar o interesse dos/as estudantes para a construção de sua identidade cultural no referido contexto. O texto discute o seguinte problema de pesquisa: a prática pedagógica dos/as professores/as no cotidiano da sala de aula, desperta interesse dos/as alunos/as para a construção de sua identidade no contexto amazônico? Utilizamos como metodologia o levantamento bibliográfico e o método de interpretação das fontes foi o Hermenêutico-Dialético. Acreditamos que o/a professor/a deva acompanhar o ritmo das mudanças exigidas neste novo cenário, tanto no que se refere as questões tecnológicas, quanto às diversidades culturais. Para tanto, é necessário que este/a esteja munido/a de conhecimento para mudar as formas de aprender dos/as alunos/as, bem como as novas práticas pedagógicas dos/as do seu trabalho docente.

Palavras-chave: Contexto amazônico. Cotidiano de sala de aula. Identidade cultural. Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

Este artigo mostra parte de uma pesquisa desenvolvida no mestrado em Educação. Ela nasceu da necessidade de compreendermos a prática pedagógica docente, frente aos desafios amazônicos no cotidiano da sala de aula.

Pensar na prática pedagógica de professores no cotidiano da sala de aula, em contexto amazônico, principalmente numa sociedade globalizada, é um desafio. Nesse contexto, nasceu a vontade de podermos contribuir com o conhecimento sobre essa temática, principalmente numa época em que a tecnologia tem avançado em níveis surpreendentes. Nesse sentido, Lévy nos diz:

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, marcia.gama.silva@seduc.net;

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, fernanda@seduc.net;

³ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, meiregtorres@seduc.net

Na época atual, a técnica é uma das dimensões fundamentais onde está em voga a transformação do mundo humano por ele mesmo. A incidência cada vez mais pregnante das realidades tecnoeconômicas sobre todos os aspectos da vida social, e também os deslocamentos menos visíveis que ocorrem na esfera intelectual, obrigam-nos a reconhecer a técnica como um dos mais importantes temas filosóficos e políticos de nosso tempo. Ora, somos forçados a constatar o distanciamento alucinante entre a natureza dos problemas colocados à coletividade humana pela situação mundial da evolução técnica e o estado do debate "coletivo" sobre o assunto, ou antes do debate midiático (LEVY, 1993, p. 4).

Verificamos que há a necessidade de uma prática pedagógica conforme as mudanças que ocorrem, principalmente no mundo da tecnologia, Pozo (2001) afirma que vivemos em uma sociedade da aprendizagem, na qual aprender constitui uma exigência social. Nesse contexto, percebemos há diversos profissionais da educação que tem dificuldades de aprender aquilo que a sociedade exige delas, todavia, mudar as formas de aprender dos alunos requer também mudar as formas de ensinar de seus professores, conforme o contexto em que vivem a sua identidade cultural. Ainda nesse aspecto, o autor remete a ideia de uma nova cultura da aprendizagem, na qual exige um novo perfil de aluno e de professor.

O que nos incomoda é justamente investigar a prática pedagógica docente frente a esses desafios. Desse modo, este texto discute o seguinte problema da pesquisa de mestrado em questão: a prática pedagógica dos professores no cotidiano da sala de aula, constrói interesse dos alunos para a construção de sua identidade no contexto amazônico? Nessa perspectiva, temos o propósito de contribuir com a efetiva articulação entre conteúdos pedagógicos e realidade sociocultural dos/as alunos/as mediados pela prática docente.

REFERENCIAL TEÓRICO

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE PRÁTICA PEDAGÓGICA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA

Para compreendermos a prática pedagógica é preciso nos conscientizarmos de que,

O mais excelente papel de um mestre não é educar para o mercado de trabalho, mas para a vida, não é educar para corrigir erros, mas para pensar. Quem é educado para a vida tem mais chances de brilhar em todos os campos, pois não vive em função do brilho, mas do conteúdo. Quem vive em função do brilho, ainda que tenha sucesso, será infeliz. Por isso muitos estão desesperados para ter poder, fama, dinheiro (CURY, 2014, p. 162).

Nesse sentido, verificamos que é desafiador o papel do professor e a sua prática pedagógica. O docente necessita trabalhar com a reflexão de expectativas e perspectivas, as quais lhe exigem uma nova forma de pensar sua prática, na qual ele possa construir o sentimento de pertença, inclusive no repensar seu real papel na sociedade, visando o contexto em que atua.

É necessário um olhar diferenciado para a prática pedagógica, pois muitas vezes estas informações advindas do contexto social chegam para o professor de forma fragmentada, isso faz com que ele olhe o mundo de forma reta e não de maneira ampla, que possibilita várias visões de mundo; assim, “faz-se necessário uma reavaliação das relações entre escola e sociedade, entre informação e conhecimento, entre fontes de informação provida pelos meios de comunicação e o trabalho escolar realizado pelo professor” (LIBÂNEO, 1998, p. 76).

Ainda nesse contexto, temos a seguinte reflexão:

Na atualidade, as proposições para a prática pedagógica incluem como princípios da atividade docente o respeito ao caráter ético da atividade de ensino, assim como, a importância dos valores que regem a intencionalidade educativa apresentados durante o processo (ROMANOWISKI, 2007, p. 55).

Percebemos que a prática pedagógica exercida no espaço da sala de aula contribuem para o caráter ético, a importância dos valores, conforme a sua realidade. Entendemos que o professor deve assumir o papel de facilitador e mediador do conhecimento, bem como um participante ativo da aprendizagem dos alunos, para que estes sejam os sujeitos dos processos ensino-aprendizagem. É importante salientar, ainda, os enfoques da prática docente:

A prática dos professores na definição das intenções do ensino, no modo como a aula é organizada, nas atividades propostas, nos conteúdos selecionados, nos instrumentos e procedimentos de avaliação empregados e nas formas de relação entre o professor e seus alunos caracterizam em enfoques de ensino (ROMANOWISKI, 2007, p. 51).

Nesse contexto, observamos que a prática docente ainda é baseado no enfoque tradicional, na transmissão do conhecimento, por meio da aula expositiva que não está vinculado à realidade do aluno, no seu cotidiano. Nesse sentido, a prática pedagógica “se faz no cotidiano dos sujeitos envolvidos, e que portanto nela se constituem como seres humanos” (PIMENTA, 2005, p. 45).

Observamos, então, que a prática pedagógica do docente deve assumir um papel de facilitador e mediador do conhecimento, com o objetivo de ajudar o aluno a compreender a sociedade em que está inserido. Ainda nesse contexto, “A prática docente, expressão do saber pedagógico, constitui-se numa fonte de desenvolvimento da teoria pedagógica” (PIMENTA, 2005, p. 47), uma vez que tais necessidades práticas, conforme o autor supracitado, emergem do cotidiano da sala de aula que demandam uma teoria.

Diante disso, percebemos que a prática pedagógica está relacionada com a expressão do saber, constituindo numa fonte de desenvolvimento da teoria e as necessidades que provêm do cotidiano da sala de aula e isso nos leva a um desafio no contexto onde está inserida a escola. Nesse aspecto, Veiga (1992) remete a discussão sobre uma prática social, orientada por objetivos, onde afirma que a prática pedagógica é uma dimensão da prática social. Sabemos que a prática social está imbuída de contradições e de características socioculturais predominantes na sociedade.

Neste contexto, desenvolver o exercício da participação é um desafio para os próprios professores e pesquisadores. A participação ocorre quando há disponibilidade individual para superar as deficiências e quando há liberdade e respeito entre os envolvidos. É um exercício de aprendizagem constante, do saber falar, ouvir, propor, contrariar e complementar. Neste sentido, a informação e o desenvolvimento de conhecimentos científicos são fatores impulsionadores da participação nas atividades escolares – no campo da prática pedagógica e da gestão da escola.

PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CONTEXTO AMAZÔNICO

Frente aos desafios no cotidiano da sala de aula na nova cultura da aprendizagem, especialmente em contexto amazônico, Pimenta (2005) leva-nos à

discussão sobre o cotidiano da ação docente, tendo em vista que é nele onde encontramos evidências do saber e do fazer pedagógico do professor que pode manifestar como uma práxis em seus diversos níveis. Podemos perceber, o cotidiano da ação do docente, conforme a autora leva-nos a questionar sobre a prática pedagógica em que o professor está manifestando, baseado na realidade em que está inserido o aluno.

Falar de prática pedagógica docente no contexto amazônico é sempre um desafio, tendo em vista que nas comunidades rurais-ribeirinhas a cultura amazônica, além do espaço escolar, é expressa na “cultura da conversa”, oralidade dos mais antigos, que se utilizam dos espaços comunitários e religiosos para a transmissão dos saberes, dos valores e da tradição social das populações locais, configurando uma prática na qual a cultura é fundamental no processo de formação social dessas comunidades. Como afirma Freire:

Abrir-se à ‘alma` da cultura é deixar-se ‘molhar-se`, ensopar das águas culturais e históricas dos indivíduos envolvidos na experiência, e o mergulhar nas «águas culturais» das massas populares, implica em compreendê-las para desenvolver uma nova prática pedagógica (FREIRE, 1995, p. 110).

Ressaltamos a importância da compreensão da cultura para que se possa desenvolver uma nova prática pedagógica dos/as docentes em sala de aula. Ainda nesse sentido, temos a seguinte afirmação:

Viver uma cultura é conviver com e dentro de um tecido de que somos e criamos, ao mesmo tempo, os fios, o pano, as cores o desenho do bordado e o tecelão. Viver uma cultura é estabelecer em mim e com os meus outros a possibilidade do presente. A cultura configura o mapa da própria possibilidade da vida social. Ela não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis. Ela consiste tanto de valores e imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo, quanto das negociações cotidianas através das quais cada um de nós e todos nós tornamos a vida social possível e significativa (BRANDÃO, 2002, p. 24).

Viver a cultura amazônica é confrontar-se com a diversidade, com diferentes condições de vida locais, de saberes, de valores, de práticas sociais e educativas, bem como de uma variedade de sujeitos: camponeses (ribeirinhos, pescadores, índios, remanescentes de quilombos, assentados, atingidos por barragens, entre outros). Os

costumes e os valores na cultura amazônica estão no centro dos debates sobre a formação e a prática de educação popular e o seu estudo possibilita à construção de novas diretrizes e práticas educativas, cujo ponto de partida é a reflexão sobre a práxis dos educadores e dos educandos contextualizada na cultura local, compreendendo-se que:

Educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo (BRANDÃO, 2002, p. 26).

Canen e Oliveira (2002) mostram que as reflexões geradas com as pesquisas nos últimos anos no Brasil, não se fizeram acompanhar de mudanças efetivas no cotidiano das escolas. Concordamos com Amiel ao afirmar que:

Os professores de amanhã, estudantes das licenciaturas, estão pouco preparados para assimilar e utilizar a diversidade cada vez mais presente nas salas de aula. São raros os cursos universitários que preparam seus alunos para lidar com a crescente diversidade de conhecimentos na sala de aula. Faz-se necessária uma reflexão sobre o papel do professor de amanhã e sua posição diante destas transformações (AMIEL, 2008, p. 193).

No contexto amazônico, este é um desafio ainda maior, pois ela se caracteriza “por uma rica sociodiversidade” (CAVALCANTE e WIEGEL, 2006), incluindo populações indígenas de diferentes etnias com suas línguas e culturas específicas, além das culturas caboclas como os ribeirinhos e trabalhadores rurais que habitam o campo e que possuem diferentes experiências e manifestações culturais, co-habitando de formas aparentemente não conflituosas. Toda essa diversidade cultural é manifestada em sala de aula que, muitas vezes, o professor não está preparado para lidar com essas diferenças, pois o ideal para o professor seria sala de aula homogênea, sem conflitos de diferenças, em condições de aprendizagem idênticas.

Consideramos de importância crucial a compreensão pedagógica e a aplicação no cotidiano das escolas da Amazônia, a questão da diversidade cultural, como mecanismo de superação de desigualdades e como forma de promoção de justiça histórica para com as populações marginalizadas.

Nesse contexto, concordamos com a seguinte afirmativa:

A globalização da cultura, tal como a globalização da economia, é um processo muito desigual e contraditório. As metamorfoses que a globalização da cultura está a operar nos sistemas de desigualdade e de exclusão são parcialmente distintas das produzidas pela globalização da economia. Enquanto nesta, como vimos, domina a metamorfose do sistema de desigualdade em sistema de exclusão, no caso da globalização da cultura domina a metamorfose do sistema de exclusão em sistema de desigualdade. A globalização dos mass media, da cultura de massa, da iconografia norte americana e da ideologia do consumismo, neutralizam as culturas locais, descontextualizam-nas e assimilam-nas sempre que lhes reconhecem algum valor de troca no mercado global das indústrias culturais (SANTOS, 1999, P. 31).

Partindo desse princípio, é muito mais desafiadora a prática pedagógica docente no cotidiano da sala de aula, principalmente em contexto amazônico, onde há uma diversidade cultural, a globalização da cultura que muitas vezes é muito desigual, causando a exclusão. E nessa diversidade cultural como construir interesse por parte dos alunos em relação à prática pedagógica do professor?

Nesse aspecto, verificamos a busca pelo reconhecimento da diferença, e nesse reconhecimento a invocação da igualdade de direitos é fundamental para uma educação realmente inclusiva e atenta para a diversidade. E isto demanda a implementação de práticas pedagógicas que atendam as expectativas e necessidade dos diferentes grupos presentes na escola.

Uma educação multicultural, inclusiva, crítica e criativa, reclama mudanças radicais nas estruturas de poder, da escola e da sociedade, posto que, “do ponto de vista crítico, é impossível negar a natureza política do ato educativo, assim como é impossível negar o caráter educativo do ato político” (FREIRE, 1999, p.23).

Segundo Tardif (2002), o professor ideal é “alguém que deve conhecer sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia de desenvolver um saber prático baseado em sua experiência”. Nesse aspecto, procuramos entender que não basta ter somente uma boa graduação que, é necessário, mas também é essencial atualizar-se sempre e para isso, remete a necessidade de uma prática pedagógica que esteja de acordo com o contexto em que está inserido o aluno, com suas diversidades culturais, a fim de despertar o interesse para construir o conhecimento.

METODOLOGIA

O caminho metodológico para construção desse texto foi a análise bibliográfica e o para interpretar as leituras utilizamos o método Hermenêutico-Dialético, tendo em vista percorrer por campos antropológicos. Este método facilitou a compreensão e a interpretação da realidade do contexto amazônico. Brito (2016, p. 68), afirma: “entende-se por hermenêutica a ciência e, respectivamente, a arte da interpretação”. Por ser essa ação da interpretação, bem como de compreensão, optamos pela escolha desse método. Nesse viés, Minayo (1996) nos ajuda nessa metodologia ao afirmar que o método é o mais capaz de dar conta de uma interpretação aproximada da realidade. Assim sendo, o projeto de pesquisa que deu origem a esse texto teve a abordagem qualitativa e a sua natureza foi a analítica.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O/a professor/a atualmente precisa estar consciente de que é uma parte do todo no que se refere a “educação” e assim como as informações, as tecnologias evoluem e a educação também deve seguir se desenvolvendo e se modernizando. Para isso, os professores devem também acompanhar essa evolução, a fim de fazerem parte da inovação, bem como da transformação da escola, pois

Graças a essas novas tecnologias da informação, a escola, em nossa sociedade, já não é a primeira fonte de conhecimento para os alunos e, às vezes, nem mesmo a principal, em muitos âmbitos. As “primícias” informativas reservadas à escola hoje são muito poucas. Dado que a escola já não pode proporcionar toda a informação relevante, porque esta é muito mais volátil e flexível que a própria escola, o que se pode fazer é formar os alunos para terem acesso e darem sentido à informação, proporcionando-lhes capacidades de aprendizagem que lhes permitam uma assimilação crítica da informação (POZO e POSTIGO, 2000).

Formar cidadãos para uma sociedade aberta e democrática, para aquilo que Morin (2001) chama de democracia cognitiva, e, mais ainda, formá-los para abrir e democratizar a sociedade requer dotá-los de capacidades de aprendizagem, de modos de pensamento que lhes permitam utilizar estrategicamente a informação que recebem,

para que possam converter essa informação e assim, contribuir para a construção do conhecimento.

O sistema educacional não pode formar especificamente para cada uma dessas necessidades; porém, pode formar os futuros cidadãos para que sejam aprendizes mais flexíveis, eficazes e autônomos, dotando-os de estratégias de aprendizagem adequadas, fazendo deles pessoas capazes de enfrentar novas e imprevisíveis demandas de aprendizagem (POZO e POSTIGO, 2000).

É possível afirmar, que o que tem possibilitado o transporte para além da sala de aula é a diversidade cultural dos educandos, manifesta na aula, quando a característica dialógica predomina nas relações sociais, a valorização da trajetória de vida dos educandos; a existência de projetos escolares, com diferentes títulos – alguns sugeridos pelas secretarias de educação, outros elaborados no próprio contexto escolar, conforme as necessidade locais e, por fim, cabe destacar a disposição dos professores para o enfrentamento de novos processos educativos, nos quais a incerteza pode ter lugar especial, juntamente com a valorização dos conteúdos e dos saberes que os alunos trazem da sua prática social.

Morin (2001) remete-nos à reflexão de que conhecer e pensar não significa chegar à verdade absolutamente certa, mas sim, dialogar com a incerteza. Esse exercício requer mudar nossa maneira de agir, nossas crenças ou teorias sobre a aprendizagem. As mudanças que ocorrem constantemente na sociedade. O desafio é ainda maior para o/a professor/a que atua no cotidiano da sala de aula, pois Freire (2005) discute a ideia de que educar é reinventar o mundo. Porém, como fazer isso? É necessário realizar uma reflexão sobre as práticas pedagógicas docentes no cotidiano da sala de aula, pois, a relação com os/as alunos/as não poderá ser apenas de transmissão de conhecimentos, pelo contrário, deve ser uma relação que expresse vida. Freire (2005) também afirmava que, na educação, a leitura do mundo era mais importante que a leitura da palavra. Nesse aspecto, Cury (2014) leva à discussão ao afirmar que quem não lê o mundo, ainda que seja um intelectual, um perito nas palavras, não trará grande contribuição social, será um problema para si e para a sociedade. Podemos verificar, partindo dessas afirmativas, a importância da leitura do mundo para a prática pedagógica, a fim de que os/as alunos/as possam se reinventar e depois transformar a realidade, mantendo e (re)construindo a sua identidade cultural.

Entendemos que é fundamental para a prática pedagógica a valorização das experiências, não só as positivas, como também as negativas para que haja essa rede de relacionamentos entre professor e aluno no seu cotidiano na sala de aula.

Portanto, a grande mudança poderá começar pelo/a professor/a, com suas práticas pedagógicas, uma vez que as mudanças só acontecerão se começarem a ser inseridas no cotidiano da sala de aula, através do/a docente, pois ele/a é uma das figuras centrais nesse processo e com isso a sua prática refletirá nos saberes dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve revisão da literatura sobre a prática pedagógica em contexto amazônico, como parte do projeto de pesquisa de mestrado em educação em questão, nos trouxe uma base crítica para discutimos sobre o problema da referida pesquisa: a prática pedagógica dos professores no cotidiano da sala de aula, constrói interesse dos alunos para a construção de sua identidade no contexto amazônico?

Verificamos que se faz necessário a renovação da prática pedagógica dos docentes na área da educação, a fim de que sejam encontradas soluções adequadas para o problema em estudo. Nesse contexto, esperamos contribuir com outros estudos para que os professores compreendam a cultura como algo inerente ao modo como o ser humano vive e se percebe no cotidiano, principalmente na prática pedagógica em sala de aula.

Essa visão de cultura pode possibilitar aos educandos a aceitação de características identitárias dos seus ancestrais, no caso amazônico, dos povos originários, valorizando contexto ao qual estão inseridos. Entretanto, é preciso ressaltar que a prática pedagógica do professor é essencial para despertar nos alunos uma consciência crítica que o ajude a compreender as condições políticas, culturais, socioeconômicas e humanas do meio onde vive, e assim, poderão desenvolver interesse para a construção e valorização de sua identidade cultural.

O grande desafio é reconhecer as dificuldades e “quebrar” as práticas pedagógicas tradicionais, a fim de incorporar novas formas de trabalho docente a novas formas de aprender e de relacionar-se com o conhecimento, pois acreditamos que esse é um dos maiores desafios a serem enfrentados por nossos educadores nas próximas

décadas, ainda mais em contexto amazônico, onde há uma diversidade cultural gigantesca.

Vale ressaltar, ainda, que o trabalho contribuiu para fazermos uma autoanálise sobre a prática pedagógica, principalmente, para nós que somos da área da Educação. Dessa forma, vislumbramos a necessidade de construção de uma educação que ultrapasse as demandas do capital e encaminhe os indivíduos para o processo de humanização, pois como vimos a ideia de Cury (2014) que o mais excelente papel de um mestre não é educar para o mercado de trabalho, mas para a vida, não é educar para corrigir erros, mas para pensar.

REFERÊNCIAS

- AMIEL, T. **Multiculturalismo** y tic: una relación cíclica. In: AMARAL, S. et al. Aplicaciones educativas y nuevos lenguajes de las tic. Campinas: FE Unicamp, 2008. [p. 193 a 206].
- BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura**. Campinas: SP: Mercado das Letras, 2002.
- CANEN, A., OLIVEIRA, A. M. A. de. **Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso**. In: Revista Brasileira de Educação. São Paulo, Set/Dez 2002. [p. 61-74].
- CAVALCANTE, L. I. P. WEIGEL, V. A. C. **Educação na Amazônia: oportunidades e desafios**. Disponível em «www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/sti/publicacoes...» Acesso em 04 de janeiro de 2019.
- CURY, A. **Maria, a maior educadora da historia**. 2ª ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 2e. São Paulo: Cortez, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 37 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

- HELLER, A. **O cotidiano e a historia**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989
- LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 34, 1993.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora: Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. 4ª. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.
- MORIN, E. **La mente bien ordenada: repensar [1]a reforma, reformar el pensamiento**. Barcelona: Seix Barral, 2001.
- PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. 2ª. ed. São PAULO: Cortez, 2000.
- POZO, J. I. A Sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. Pátio – Revista Pedagógica, ano VIII, agosto/outubro 2004. Disponível em: < <http://www.udemo.org.br/A%20sociedade.pdf> > acesso em 07/01/2019.
- POZO, J. I; POSTIGO, Y. Los procedimientos como contenidos escolares: uso estratégico de La información. Barcelona: Edebé, 2000.
- SANTOS, Boaventura. A Construção multicultural da igualdade e da diferença. Oficina do CES, nº 135. Rio de Janeiro, 1999.
- VEIGA, Ilma Passos A. A prática pedagógica do professor de didática. Campinas: Papyrus, 1989.